

A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO VISTA POR DIFERENTES OLHARES

Maria José Dantas¹

Universidade Federal de Sergipe – mariajosedantas@yahoo.com.br

A História da Educação surgiu no século XIX, aliada à Filosofia e como ciência auxiliar da Pedagogia, mas desenvolveu-se principalmente nas Escolas Normais e em cursos para formação de professores. Após 1980, tem apresentado mudanças significativas, seja pela criação de grupos de pesquisas em instituições de ensino superior, seja pela realização de congressos nacionais, internacionais e locais destinados ao encontro e intercâmbio de pesquisadores dedicados a essa área.

Grande parte dessas mudanças se deve à eleição de novos objetos e de novos procedimentos de pesquisa. Atualmente existe uma tendência na comunidade de historiadores quanto às renovações temática e metodológica relacionadas aos estudos nessa disciplina. Nas décadas de 1960 e 1970, predominavam as pesquisas que optavam por uma tendência marxista de interpretação. A partir da década de 1980, já encontramos trabalhos voltados para o viés que utiliza os conteúdos engajados na Nova História Cultural. O interesse por práticas e materiais pedagógicos não considerados anteriormente, tais como vasculhamento de arquivos, estudos autobiográficos, dentre outros, nos faz acreditar que está se formando uma nova geração de pesquisadores.

Entretanto, ao olhar a nossa historiografia da educação, constatamos que estas são conquistas recentes. Segundo Lopes (2001) no campo da História, a Educação tem sido tradicionalmente um objeto ignorado ou considerado pouco “nobre”. Contudo, a influência da Nova História Cultural vem transformando um pouco essa realidade. Tem possibilitado ao pesquisador um aporte teórico para as pesquisas em História da Educação. “O historiador cultural abarca artes do passado que outros historiadores não conseguem alcançar.” (BURKE, 2005, p. 8).

Eliane Marta Teixeira Lopes e Ana Maria de Oliveira Galvão (2001), fazem uma leitura do que é História da Educação, como também abordam fatos acerca dessa área de pesquisa aqui no Brasil, tentando responder três questões básicas que norteiam o universo dos questionamentos da maioria dos pesquisadores: Como surgiu essa disciplina e esse campo de estudos e pesquisas; De que se ocupa, afinal, a História da Educação; Como o historiador da educação compreende o passado sobre o qual se debruça e de que peças lança mão para escrever seu roteiro. Apesar de

as autoras não caracterizarem o estudo como uma pesquisa historiográfica, o texto ajuda a explicar melhor o objeto em questão, por sistematizar, responder e fornecer dicas próprias do trabalho de pesquisador.

O estudo da História é um processo que não termina nunca, visto que o seu conhecimento é sempre provisório, há sempre novas verdades que se apresentam. Cada historiador tem a possibilidade de explicar a história a partir da sua visão de mundo, das representações que constrói acerca de uma determinada realidade.

A História se constitui em um conjunto descontínuo, pleno de desproporções e lacunas entre acontecimentos e datas, os quais são tecidos em uma narrativa que o historiador cria balanceando os aspectos do passado que considera relevantes com a disponibilidade das fontes que lhe permitem saber sobre eles. (BONTEMPI Júnior, 1995:14)

A educação tem características próprias e tem história própria. Estudar a educação é estudar o processo que faz com que através da cultura o ser social possa também tornar-se um ser cultural e civilizado. Segundo Toledo (1995), “educação consiste em sua essência, na transmissão da civilização, numa pressão exercida pelas gerações adultas sobre as gerações jovens, a fim de que estas recolham e realizem os ideais que aqueles trazem consigo.” (1995:118).

Estudar a historiografia da educação brasileira é fazer também um estudo das fontes, categorizando as pesquisas que estão sendo realizadas nesse campo. Isso é necessário tanto para quem direciona os estudos à tendência de análise marxista, como também a quem se direciona a seguir os pressupostos da Nova História Cultural. É importante salientar que para fazer um bom trabalho com as fontes é preciso ter cuidado para não legitimar demais algumas e desprezar outras, como também verificar todos os dados para que nada se perca.

Trata-se pois, de identificar no conjunto dos materiais produzidos por uma determinada época, por determinado grupo social, por determinada pessoa – homem ou mulher e segundo a etnia – aqueles que poderão dar sentido à pergunta que inicialmente se propôs; aqueles que trabalhados, isto é, recortados e reagrupados, poderão servir de base à operação propriamente historiográfica, ou seja, à interpretação e à escrita. (LOPES, 2001:79)

Segundo Bontempi Júnior (1995), a abordagem historiográfica consiste em um recurso pelo qual o pesquisador da educação volta-se ao passado por orientação de certas temáticas que aparentam demandar enfoques históricos, ou seja, pelo fato de que essas envolvem problemas crônicos,

nascidos em suas origens. No entanto, de acordo com Santos (2003), a tarefa do historiador não se restringe a averiguar e a registrar os fatos materiais do passado; consiste muito mais em entendê-los, ordená-los e interpretá-los.

Dentre os historiadores, existe uma diversidade com relação à formação acadêmica. Nem sempre aqueles que são graduados em História se tornam historiadores por excelência, como também muitas vezes o desejo de historiar parte daqueles cuja graduação é na área da Pedagogia ou da Educação Física, o que gera uma heterogeneidade formativa no campo da pesquisa.

Partindo desses pressupostos e de leituras das pesquisas realizadas por diferentes autores, pretendo fazer um levantamento de algumas dessas publicações, enfatizando a maneira como cada pesquisador se apropria dos conhecimentos acerca da História da Educação, bem como evidenciar as contribuições de cada um para a construção da historiografia educacional. Utilizarei os conceitos de apropriação e representação do historiador francês Roger Chartier, que seguindo a vertente da Nova História Cultural se dedica ao estudo da leitura e dos objetos e práticas a ela relacionados. Para este pesquisador, “a apropriação tal como a entendemos visa a uma história social dos usos e das interpretações, relacionadas às suas determinações fundamentais e inscritos nas práticas específicas que os produzem” (2002:68). Desta forma, o processo de apropriação nada mais é do que a maneira como cada leitor se apropria da leitura de um impresso, projetando nela as suas idéias e a sua interpretação. Com relação à representação, para Chartier “é a exibição de uma presença, a apresentação pública de uma coisa ou de uma pessoa” (2002:74). Quando o leitor se apropria de alguma informação veiculada em um impresso, ele constrói uma representação daquela realidade, formula uma imagem para si mesmo ou para outros. É através do processo de apropriação que o leitor constrói as representações. Assim, procurarei analisar a maneira como os autores se apropriam das informações acerca da historiografia educacional brasileira e que representações fazem desse campo.

Os Olhares dos Historiadores

No cenário nacional, muitos pesquisadores têm se destacado acerca de seus estudos ligados à História da Educação, um deles é Mirian Warde (1989), que elabora a pesquisa: *Historiografia da educação brasileira: construção da memória e do conhecimento*.

Nessa pesquisa, cujas hipóteses norteadoras são formuladas em texto de Warde (1984), é examinada uma amostra de dissertações de mestrado e teses de doutoramento defendidas entre 1970 a 1984, nos Programas de Pós-Graduação em Educação, já institucionalizados no país. (CARVALHO, 2004: 376)

Nascimento (2003) prefaciando o livro *Olhares de Clio sobre o universo Educacional*², enfatiza que a pesquisa conduzida por Mirian Warde chamou a atenção de outros estudiosos da historiografia educacional, dentre eles: Marta Maria Chagas de Carvalho, Clarice Nunes, Zaia Brandão, Carlos Monarcha, Luiz Carlos Barreira, Bruno Bontempi Junior e Maria Rita Toledo. Segundo Nascimento (2003), “estes dois últimos autores, principalmente, refinaram interpretações que possibilitaram uma compreensão maior do embaçamento existente no campo historiográfico educacional.” (2003:08)

Bruno Bontempi (1995) fez um agrupamento temático e periódico dos temas ligados ao conhecimento histórico na área da educação no período de 1972 a 1988. Ele analisa o período anterior ao surgimento da Nova História Cultural e conclui que existe uma preferência de análise pelas situações do século XX, com predominância de estudos definidos a partir do segundo quartel deste século. De certa forma, ele faz uma crítica ao fato de se optar preferencialmente por pesquisar temas, fontes ou períodos já consagrados.

Maria Rita Toledo (1995) procurou apreender o modo de historiar de Fernando de Azevedo e como esse modo vem marcando a historiografia da educação brasileira. É um estudo que tem como referência a análise da obra “A Cultura Brasileira” cuja publicação foi fruto de uma solicitação do Governo Vargas para que Fernando de Azevedo redigisse a introdução ao recenseamento geral de 1940 e está situada em um momento político particular de nossa história, o Estado Novo. Azevedo foi um intelectual de relevante atuação no campo educacional, pela sua importância nessa área, ao nos aprofundar em estudos sobre a educação brasileira, encontramos o seu personagem em vários aspectos. Maria Rita se preocupou em analisar as representações que Azevedo tinha da História. Para ela, “o que Azevedo pretende construir em seu trabalho através do método de extração das informações, não é um trabalho eclético no qual justapõe diversas interpretações, mas o de unificar os dados a partir dos problemas verificados no presente e explicáveis pelo passado.” (1995:163)

Em *Sergipe*, Jorge Carvalho do Nascimento (2003), fez um levantamento dos estudos de História da Educação pro-

duzidos nesse Estado. O autor faz um elenco das monografias, dissertações e teses sobre História da Educação, possibilitando a outros pesquisadores o encontro com novas fontes.

Os estudos sobre História da Educação produzidos em diferentes períodos e sob distintas perspectivas teóricas contribuíram, seja como estudos historiográficos de valor, seja como elementos de construção de uma memória. (...) O avanço dos estudos em História da Educação no Estado de Sergipe, na última década, permite, provisoriamente, uma única conclusão: há muito ainda por fazer, porque cada época ‘tem de reescrever a história, sendo impossível um resultado definitivo ou uma síntese final.’ (NASCIMENTO, 2003:72).

Também em Sergipe, Fábio Alves Santos (2003), impulsionado pelo trabalho de Jorge Carvalho do Nascimento, faz uma análise das monografias de graduação em História, voltadas para Educação. O desejo de apreender quais as contribuições do Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe para a historiografia da educação desse Estado e a procura por compreender qual o perfil da escrita recente dessa história, quais as preocupações dos historiadores, quais os usos que se tem feito desse objeto de estudo, motivaram esse autor a desencadear essa pesquisa.

O estudo a que me proponho justifica-se primeiramente pela escassez de trabalhos sobre as monografias de Graduação do Departamento de História da UFS voltadas para a educação. Também pelo fato dessas produções representarem um esforço departamentalizado de produção do conhecimento sobre a História da Educação em Sergipe. Outro motivo, é por serem trabalhos que possibilitam denotar os interesses dos pesquisadores para com a temática da educação, ou seja, os usos que se tem feito desse objeto. (SANTOS, 2003:29-30)

A professora Marta Maria Chagas de Carvalho (2004), fez um levantamento da historiografia da educação brasileira, tomando como base os estudos de Mirian Warde, como também outros estudiosos a exemplo de Salgado Guimarães que aborda o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Kuhlmann que estuda as raízes da produção historiográfica brasileira, Clarice Nunes que aponta a obra de José Ricardo Pires de Almeida – **Instruction Publique au Brésil. Histoire et Legislation** – como a primeira história sistematizada da educação brasileira. Laerte Ramos que segundo a autora desenvolve o primeiro trabalho de história da educação que se distancia dos produzidos anteriormente – **As reformas pombalinas da instrução pública** – de acordo com Carvalho, esse foi um trabalho de historiografia sobre

a educação portuguesa, mas tomou como objeto de estudo um marco periodizador da história da educação brasileira produzida por Fernando de Azevedo. Por fim, ela evidencia a contribuição de Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira e Lourenço Filho na configuração da historiografia educacional brasileira.

A importância de Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira e Lourenço Filho na configuração do campo educacional brasileiro não pode ser subestimada. As suas concepções sobre a natureza do conhecimento e dos processos de sua produção e transmissão, assim como os seus projetos políticos de organização de um sistema nacional de educação foram sem dúvida, determinantes da configuração das instituições de ensino e pesquisa no Brasil, a partir dos anos 1930. (CARVALHO, 2004:391-2)

Carvalho fez uma análise das obras, discordando em alguns pontos e levantando hipóteses em outros. Esse estudo nos possibilita abertura de novos caminhos na pesquisa sobre a historiografia educacional, bem como nos deixa pistas a seguir.

Considerações Finais

Após este breve levantamento da historiografia educacional brasileira, a que conclusões poderemos chegar?

Mirian Warde (1984) conclui que a data chave para a explicação da educação segundo seus estudos é 1930. Bruno Bontempi (1995) em sua dissertação de mestrado faz um desdobramento do projeto de Warde, procurando analisar as escolhas temáticas e as periodizações efetuadas pelos autores de teses e dissertações em História da Educação no período de 1972 a 1988, ele conclui que “1930 é a principal referência para pensar a História do Brasil, tornada apropriada para delimitar objetos educacionais.” (1995:99)

Maria Rita Toledo também faz um estudo que é um desmembramento da Pesquisa de Warde. Em sua análise sobre “A Cultura Brasileira” ela a partir de notas de rodapé constrói nove problemas ordenadores, o que possibilitou uma análise dos princípios, conceitos e interlocutores de Azevedo. Ela conclui sua abordagem afirmando que

A Cultura Brasileira é ao mesmo tempo, escrito político e científico: escrito político, por Azevedo ter estabelecido uma determinada leitura da história que lhe interessava, na medida em que firmara a identidade dos grupos em conflito, sua ação e o modo como deveriam ser entendidos os acontecimentos excluindo, portanto, a derrota política dos embates no campo da Educação; escrito científico por ser

produzido dentro das regras propostas pelo programa teórico-metodológico eleito pelo Autor. (TOLEDO, 1995:166).

Marta Maria Chagas de Carvalho faz uma revisita à historiografia educacional brasileira que começou a ser produzida no Brasil a partir de meados da década de 1980. Ela analisa os trabalhos de Mirian Warde, Laerte Ramos, Jorge Nagle, Carlos Monarcha, Fernando de Azevedo, Bruno Bontempi, dentre outros, e constrói a representação de cada um deles sobre a História da Educação.

Jorge Carvalho do Nascimento (2003) e Fábio Alves Santos (2003), fazem respectivamente estudos que se voltam às produções da História da Educação em Sergipe. Jorge Carvalho faz um levantamento de monografias, dissertações e teses sobre História da Educação, quantificando estes trabalhos e detalhando a periodização, ele chega à conclusão de que antes da década de 1990 os estudos de História da Educação em Sergipe foram feitos como iniciativa individual dos pesquisadores e também que até a metade da década de 1990, a maioria dos estudos tinha preferência pelo corte temporal macro político, como foco maior no século XX. (2003:63). Fábio Alves, analisando as monografias da Graduação em História voltadas para Educação, afirma que “os trabalhos até então desenvolvidos pelo Departamento de História acerca do universo educacional são de importância inegável pelo fato de construírem uma memória que elucida aspectos da História da Educação sergipana, que não fosse a disposição desses estudiosos para se debruçarem sobre eles nos seriam totalmente desconhecidos.” (2003:111).

Nos textos analisados, podemos verificar um entrelaçamento e uma certa continuidade nos enfoques, alguns deles se complementam ou seguem a mesma linha de investigação, pelo fato de estarem ligados à mesma corrente ou ao mesmo grupo de pesquisa. Segundo nossas leituras, fica evidente que cada historiador se apropria à sua maneira das realidades que se debruça a pesquisar e a partir daí constrói a sua representação sobre os estudos que realiza e sobre a História da Educação.

(..) o historiador do tempo presente é contemporâneo de seu objeto e portanto partilha com aqueles cuja história ele narra as mesmas categorias essenciais, as mesmas referências fundamentais. Ele é pois o único que pode superar a descontinuidade fundamental que costuma existir entre o aparato intelectual, afetivo e psíquico do historiador e o dos homens e mulheres cuja história ele escreve. (...) Para

o historiador do tempo presente, parece infinitamente menor a distância entre a compreensão que ele tem de si mesmo e a dos atores históricos, modestos ou ilustres, cujas maneiras de sentir e de pensar ele reconstrói” (Chartier, 1996:216).

Enquanto pesquisadores atuantes, também nós temos um papel a desempenhar na História, devemos nos preocupar com a leitura que fazemos da realidade e com a história que escrevemos, bem como, com a contribuição que estamos dando à sociedade e ao campo científico. É importante trazer novos enfoques, buscar fontes ainda não pesquisadas, possibilitando tornar conhecidas realidades novas, que contribuam para que se possa escrever futuramente mais um capítulo da História da Educação.

Referências Bibliográficas

- BONTEMPI Junior, Bruno. **História da Educação Brasileira: o terreno do consenso**. São Paulo, PUC, 1995. (Dissertação – Mestrado em Educação).
- BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2005.
- CARVALHO, Marta Maria Chagas de. “Revisitando a historiografia educacional brasileira”. In: MENEZES, Maria Cristina (Org.). **Educação, memória, história: possibilidades, leituras**. Campinas-SP, Mercado de Letras, 2004. p. 375-399.
- CHARTIER, Roger. **A Beira da Falésia: a história entre incertezas e inquietude**. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 2002.
- _____. A visão do historiador modernista. In: FERREIRA, M. e AMADO, J. (orgs.) **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; LOPES, Eliane Marta Teixeira. **História da Educação**. Rio de Janeiro, DP&A, 2001.
- NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **Historiografia Educacional Sergipana: Uma crítica aos estudos de História da Educação**. São Cristóvão: Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação/NPGED/UFS, 2003.
- SANTOS, Fábio Alves dos. **Olhares de Clio sobre o universo educacional: um estudo das monografias sobre Educação do Departamento de História da UFS (1996-2002)**. São Cristóvão, UFS, 2003.
- TOLEDO, Maria Rita de Almeida. **Fernando de Azevedo e a cultura brasileira ou as aventuras e desventuras do criador e da criatura**. São Paulo, PUC, Dissertação de Mestrado, 1995.

WARDE, Mirian Jorge. **A Historiografia da Educação Brasileira**: Construção da memória e do conhecimento. Projeto de pesquisa. SP: PUC: CNPq, 1989.

VIDAL, Diana Gonçalves; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. “História da Educação no Brasil: a constituição histórica do campo e sua configuração atual.” In: VIDAL, Diana Gonçalves; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **As lentes da história**: estudos de história e historiografia da educação no Brasil. Campinas, SP: Autores Associados, 2005. (p.73-127)

NOTAS

¹ mariajosedantas@yahoo.com.br

² Segundo livro da Coleção Educação é História. Concebida pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação: Intelectuais da Educação, Instituições Educacionais e Práticas Escolares / UFS.